

# O AMOR E O EROTISMO NO CONTO "A SÉTIMA LUA CHEIA" DE TENÓRIO TELLES

Original en português

**Flavianne Vieira**  
Universidade Federal do Amazonas(UFAM)  
flaviennevieira@gmail.com

**Saturnino Valladares**  
Universidade Federal do Amazonas(UFAM)  
saturninovalladares@gmail.com

Fecha de envío: 5 de noviembre de 2024

Fecha de aprobación: 13 de diciembre de 2024

## Resumo

O conto "A sétima lua cheia" do autor amazonense Tenório Telles integra o livro *Edifício Marquês de Sade*, publicado no ano de 2014. A obra reúne 27 contos de diversos autores. O objetivo deste artigo é analisar como Tenório Telles desenvolve os temas do amor e do erotismo no conto "A sétima lua cheia". Para realizar esta análise será utilizado como texto norteador *A dupla chama: amor e erotismo*, de Octavio Paz. Este trabalho analisará os seguintes aspectos: o erotismo presente no texto e sua relação com a crença da personagem Morgana nos elementos do universo; como aparecem no conto os cinco elementos constitutivos do amor estabelecidos por Octavio Paz.

**Palavras-chave:** Tenório Telles, amor, erotismo.

## Introdução

O conto "A sétima lua cheia" do autor amazonense Tenório Telles faz parte do livro *Edifício Marquês de Sade*, publicado no ano de 2014. A obra reúne 27 contos de diversos autores que apresentam narrativas que mexem com a imaginação do leitor ao entrar no mundo do edifício. Na apresentação do livro o leitor é convidado a entrar e se aventurar, pois "a ideia é amolecer, rir, sorrir e chegar junto. Com este edifício, o que se quer é reverberar". (Telles, 2014, p.07)

Tenório Telles é um dos organizadores do livro e também autor de dois contos: "A sétima lua cheia" e "Os peitos de mamãe". O primeiro conto será objeto de análise deste trabalho e terá como principal texto norteador o ensaio *A dupla chama: amor e erotismo*, de Octavio Paz.

"A sétima lua cheia" é um conto que possui duas personagens: o narrador-personagem, que não é possível saber seu nome, e Morgana, sua amante. O enredo gira em torno do primeiro encontro sexual do casal e das exigências de Morgana para que isso aconteça. Ela é apresentada pelo seu amante como uma mulher que acredita na força da lua, no poder dos números, nos cristais. Sendo assim, exige que o primeiro encontro seja na sétima lua cheia. É nesse contexto que se pretende analisar o tema do erotismo no conto, como também verificar se os elementos do universo podem interferir no ato sexual, contribuindo para uma intensidade do erotismo. Outro aspecto essencial



Imagen generada por I.A

a ser observado no conto é o amor. Para isso identificarei como aparecem os cinco elementos constitutivos do amor, estabelecidos por Octavio Paz na obra *A dupla chama: amor e erotismo*.

### O erotismo em "A sétima lua cheia"

Em *A dupla chama: amor e erotismo*, Octavio Paz afirma que:

O erotismo é exclusivamente humano: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens. A primeira coisa que diferencia o erotismo da sexualidade é a infinita variedade de formas em que se manifesta, em todas as épocas e em todas as terras. O erotismo é invenção, variação incessante, o sexo é sempre o mesmo. (PAZ, 1994, p.16)

Essa afirmação deixa claro que o erotismo não tem como finalidade a procriação, não é apenas instinto animal. Ele está associado à imaginação, à vontade, às fantasias, tudo é próprio do ser humano. Morgana possui a sua fantasia baseada na força dos astros e espera realizá-la no momento escolhido e, talvez, por isso, ela brincasse tanto com essas coisas, como se pode verificar no trecho: "Morgana via sinais em todo lugar. Gostava dos jogos de carícias que inventava. Morgana sabia brincar com essas coisas". (Telles, 2014, p. 81)

De acordo com Paz, "A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético" (PAZ, 1994, p.12). "A sétima lua cheia" apresenta uma mulher que usa da sua sensualidade, das suas

artimanhas para elevar o desejo do seu parceiro com a finalidade de realizar sua fantasia, que está atrelada a sua crença na influência do universo e, satisfazer seu desejo. Ainda de acordo com Paz, “Em todo encontro erótico há um personagem invisível e sempre ativo: a imaginação, o desejo”. (Paz, 1994, p.16).

Por outro lado, o narrador revela que não tem muita paciência e, através de uma metáfora, explica que gostaria de possuí-la, segundo sua vontade, o ato erótico já teria acontecido: “Gostava dos jogos de carícias que inventava, mas confesso que não tenho muita paciência com suas esquivas. Não resisto à sede. Se tem água, bebo logo”.

Essa impaciência revelada pelo amante pode deixar uma dúvida em relação ao sexo e ao erotismo. Portanto, é importante esclarecer a relação entre sexo e erotismo. Paz afirma que “Embora as maneiras de relacionar-se sejam muitas. O ato sexual significa a mesma coisa: reprodução. O erotismo é sexo em ação mas, seja por desviá-la ou por negá-la, suspende a finalidade da função sexual”. (Paz, 1994, p.12). Portanto, deixa claro que o sexo faz parte do erotismo, mas com outra finalidade que não é a reprodução:

O sexo é subversivo: ignora as classes e hierarquias, as artes e as ciências, o dia e a noite; dorme e só acorda para fornicar e volta a dormir. [...] o homem é o único ser vivo que não dispõe de uma regulação fisiológica e automática de sua sexualidade. (PAZ, 1994, p.17)

A espera é um problema para o narrador do conto que afirma que “já pensou, sete luas. São sete meses. Vou endoiar”. (Telles, 2014, p.81). A vontade dele de realizar o encontro erótico é tão grande que, durante a narrativa, ele traz esse discurso que reforça a sua grande espera: “[...] Ando numa segura danada. Não me incomodo que seja na dureza. Na mesa da cozinha ou no sofá velho lá de casa. Mas encasquetou que tem que ser na sétima lua cheia”. (Telles, 2014, p.82). Essa afirmação dialoga com a ideia de que o sexo é subversivo e justifica essa vontade desenfreada que o narrador possui de fornicar. É por isso que a sociedade criou os tabus para que haja um controle sobre essa vontade constante do ser humano.

No almanaque ilustrado *Símbolos*, O’Connell explica a origem da palavra tabu, como os tabus podem surgir e serem utilizados:

A palavra “tabu” vem do polinésio *tabu*, que é um sistema de proibir ações ou uso de objetos porque são considerados sagrados ou perigosos, impuros ou amaldiçoados. Os tabus podem surgir de uma consciência moral e motivar a consciência moral individual e coletiva; porém, também podem ser utilizados para manter as hierarquias sociais em ordem. Dentro da sociedade contemporânea, a palavra tabu tem menos significado espiritual e geralmente se refere a coisas que não são permitidas ou feitas na sociedade por várias razões. (O’CONNELL, 2016, p. 66)

Em relação com isso, Paz afirma que “em todas as sociedades há um conjunto de proibições e tabus - também de estí-

mulos e incentivos – destinados a regular e controlar o instinto sexual” (Paz, 1994, p.18). De acordo com ele, a instituição da família seria destruída se caso não tivessem criados os tabus.

Um dos pontos importantes a se observar na narrativa é a diferença apresentada pelo casal a respeito de suas preferências sexuais. Para ele, o ato sexual já teria acontecido. Já Morgana planejou o primeiro ato sexual do casal, ela tem suas fantasias e deseja que seja ao ar livre, na sétima lua cheia, com um lençol branco egípcio virgem, com pétalas de rosas. Nesse contexto, surge a seguinte questão: o erotismo é diferente para mulheres e homens:

Bataille (2013) contempla a distinção entre dois tipos de erotismo: o masculino e o feminino. O primeiro, segundo o autor, relaciona-se à descontinuidade, isto é, está voltado apenas para o prazer sexual imediato, e acontece, preferencialmente, nos homens, visto que estes, em sua maioria, não associam obrigatoriamente a relação sexual aos sentimentos. Já no erotismo feminino, a continuidade erótica, ou seja, a tentativa de união entre o ato sexual e os sentimentos, é aguçada. E esse tipo de erotismo se manifesta, primordialmente, nas mulheres, que tendem a buscar uma relação duradoura. (apud CANI, 2020, p.172)

No primeiro momento da narrativa, o amante demonstra o desejo pelo prazer sexual imediato, mas no decorrer do enredo faz de tudo para satisfazer as vontades de sua amada, inclusive, chega a afirmar que se tornou adepto da lua: “Entrei na fantasia de Morgana”. (Telles, 2014, p.82)

O erotismo se faz fortemente presente no conto, é possível encontrá-lo nas informações dadas pelo narrador-personagem:

E não é que fez uma noite linda, embora a moça da previsão do tempo tenha dito que haveria pancadas de chuva. A lua estava imensa - rinoceronte nadando na escuridão. Um cheiro de desejo contaminava as flores e as pedras. Não se deve duvidar desses mistérios. Pelo sim, pelo não, é melhor acreditar.

Arrumei tudo. Estendi o lençol de linho egípcio branco. Virgem. Espalhei as pétalas de rosas. Que lindo tapete salpicado de estrelas avermelhadas. Preparei-me como o príncipe da Cinderela. Ansioso para encontrar o sapatinho de cristal. Estava todo de branco. (TELLES, 2014, p.82)

Percebe-se que todo o ambiente é preparado como se fosse uma cerimônia. O desejo é tão intenso que chega a contaminar as flores e as pedras, todos os elementos do espaço contribuem para o grande momento. Inclusive, o amante de Morgana está todo de branco o que poderia representar um novo ciclo, uma nova fase.

No discurso direto de Morgana: “Cheguei, senhor de mim. A lua me trouxe para ti para que explores minhas restingas e bebas minhas águas. Sou tua”. (Telles, 2014, p. 82) Ela coloca-se como

serva e seu amante como seu senhor e ainda se dispõe por inteira para que ele possa possuí-la, como se fosse um presente por todo sacrifício feito por ele para que aquele momento acontecesse: “Morgana estava nua. Puxou-me pelas mãos e despiu-me. Deitamos sobre o tapete de rosas. A lua empalmou nossos corpos e navegamos suas águas prateadas. O fluxo da maré se agitava e se avolumava- transbordamos”. (Telles, 2014, p.82) Aqui temos o próprio ato erótico descrito pelo narrador. O erotismo é imperativo, pois há uma busca de ambos por algo além do contato físico que é manifestado e alcançado por eles, e descrito pelo amante da seguinte maneira: “Sol e Lua gravitavam no firmamento”. (Telles, 2014, p. 83)

#### O erotismo e os astros

O conto “A sétima lua cheia” traz um narrador-personagem que não é identificado. Ele nos apresenta uma personagem chamada Morgana, nome que chama atenção do leitor e pode estar ligada a fada/feiticeira Morgana da lenda do Rei Arthur. No conto, Morgana é descrita como uma mulher que acredita nas interferências dos astros: “Ela acredita nessas forças do além. A cômoda é cheia de cristais. É adepta dos desígnios dos astros e vive obcecada pelo que chama de pequenos milagres da vida.” (Telles, 2014, p. 81) e planeja ter a primeira relação sexual com o seu amante em um lugar que seja ao ar livre:

Agora inventou que vai me dar na sétima lua cheia. Anda envolvida com a magia dos números. O7, então, virou uma fissura. “É um número perfeito. Místico”. Já pensou, sete luas. São sete meses. Vou endoidar. E tem mais: será num jardim, sobre um lençol egípcio branco, virgem e todo coberto de pétalas de rosa. (TELLES, 2014, p.81)

Morgana apresenta todo um simbolismo referente à lua voltado para a figura feminina: “Diz que a lua simboliza a fertilidade. É tão forte que altera o regime dos mares. Lembrei das marés. Fui pesquisar. Não é que Morgana tem razão. Espero, porém, que a maré me seja favorável”. (Telles, 2014, p.82). De uma maneira geral, O’Connell explica sobre a representação da lua:

O simbolismo atribuído à lua é na maioria das vezes (mas não exclusivamente) associado ao feminino. A lua está conectada à imaginação, intuição, poderes psíquicos e ao sonho, e está particularmente associado às mulheres, à fertilidade e ao nascimento. As civilizações antigas realizavam rituais de fertilidade e celebravam a lua em festivais anuais dedicados à deusa para tentar ajudá-la na concepção. Acreditava-se que na época da ovulação para as mulheres ocorria durante a lua cheia e que durante a menstruação os poderes de percepção de uma mulher eram intensificados. [...] A lua, quando está cheia, representa a plenitude da energia feminina e reflete o simbolismo do círculo que significa totalidade (O’Connell, 2016, p. 120)

A personagem tem uma tendência a acreditar no sobrenatural. De acordo com ela: “Ao ar livre, para os corpos serem banha-

dos pelo luar, assim deixará os corpos mais desejosos”. (Telles, 2014 p.81). Além de todo o simbolismo apresentado no conto, há também um romantismo que é afirmado pelo próprio narrador: “Até gosto quando diz que sou um milagre na sua existência. Não deixa de ter um certo romantismo tudo isso.” (Telles, 2014, p.81)

O lençol branco e as pétalas de rosa trazem uma simbologia empregada pela sociedade como romântica. Além da própria declaração de Morgana sobre seu sentimento em relação ao seu amante, afirmado por ele num discurso indireto.

#### O amor em “A sétima Lua cheia”

Em seu ensaio *A dupla chama: amor e erotismo*, Octavio Paz apresenta um panorama da história do amor e o define como:

[...] atração por uma única pessoa: por um corpo e uma alma. O amor é escolha; o erotismo, aceitação. Sem erotismo- sem forma visível que entra pelos sentidos- não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma, o corpo. A pessoa inteira. (Paz, 1994, p. 34)

No capítulo “Um sistema solar”, ele afirma que o amor é o tema central de homens e mulheres ocidentais, pois a maioria das obras literárias representavam suas paixões amorosas (Paz, 1994, p. 93). Para o autor, mesmo diante do tempo que nos separa do amor cortês e as mudanças ocorridas durante esse período, não foram capazes de alterar a essência do arquétipo do amor criado no século XII.

Paz apresenta cinco elementos constitutivos da nossa imagem do amor: exclusividade; obstáculo e transgressão; domínio e submissão; fatalidade e liberdade; corpo e alma. Eles podem ser reduzidos para três: “a exclusividade, que é amor a uma só pessoa; a atração que é fatalidade livremente assumida; e a pessoa, que é corpo e alma” (Paz, 1994, p. 117). Neste estudo, analisamos como os cinco elementos aparecem no conto.

O amor é individual e requer apenas uma pessoa, da que se espera o mesmo sentimento exclusivo, ou seja, a reciprocidade. “A exclusividade é a exigência ideal e sem ela não há amor.” (Paz, 1994, p.107). Ela está presente no conto “A sétima lua cheia”. Morgana e seu amante aparentam ter um relacionamento que é recíproco de sentimentos, já convivem há algum tempo, apesar de ainda não terem consumado o ato erótico. Mas é notório que ambos nutrem amor um pelo outro, há reciprocidade e exclusividade. Ela considera que seu amante seja um dos milagres da vida: “Até gosto quando diz que sou um milagre na sua existência.” (Telles, 2014, p.81).

A dificuldade de achar o espaço exigido por sua amada pode ser um empecilho para que o amor do casal se desenvolva, já que é um dos desafios enfrentados pelo amante: “Onde vou encontrar um jardim disponível? As cidades comeram suas florestas. O lençol de linho egípcio e as pétalas, tudo bem. Mas o jardim!” (Telles, 2014, p.81), o que nos leva ao segundo elemento: obstáculo e a transgressão.

De acordo com Paz, o obstáculo e a transgressão estão intimamente associados a outro elemento também duplo: o domínio e a submissão.

O amor tem sido e é a grande subversão do Ocidente. Como no erotismo, o agente da transformação é a imaginação. Mas no caso do amor, a mudança

se dá em relação contrária: não nega o outro nem o reduz a sombra, mas é a negação da própria soberania. Essa autonegação tem uma contrapartida: a aceitação do outro. Ao contrário do que acontece no domínio da libertinagem, as imagens permanecem: o outro, a outra, não são uma sombra, mas uma realidade carnal e espiritual. Posso tocá-la mas também falar com ela. E posso ouvi-la- e mais: beber suas palavras. Outra vez a transubstanciação: o corpo se torna voz, sentido; a alma é corporal. Todo amor é eucaristia. (PAZ, 1994, p.113)

No conto “A sétima lua cheia”, o amante *não nega* os pedidos da amada, mas há uma negação da soberania dele, ou seja, seus desejos são apaziguados para que os desejos dela se realizem. Há também a aceitação do outro, ele aceita Morgana com suas crenças, suas convicções, seus pensamentos, que não são os mesmos dele e, por isso, não pede para que ela mude em razão de si próprio.

“O amor é atração involuntária em relação a uma pessoa e voluntária aceitação de outra”. (Paz, 1994, p.114). No conto essa atração fica clara para o leitor, pois o casal revela uma atração mútua e há também aceitação de ambos. O esforço do amante em realizar os desejos de sua amada é movido por essa atração. “A fatalidade se manifesta só com e por meio da cumplicidade da nossa liberdade”. Ao se apaixonarem o casal escolheu sua fatalidade.

Em relação à pessoa, que é o corpo e a alma, Paz afirma que:

Para o amante o corpo desejado é alma; por isso lhe fala com uma linguagem para além da linguagem, mas que é perfeitamente compreensível, não com a razão, mas sim com o corpo, com a pele. Por sua vez a alma é papável: podemos tocá-la e seu sopro refresca nossas pálpebras ou aquece nossa nuca. Todos os apaixonados sentem essa transposição do corporal ao espiritual e vice-versa. (PAZ, 1994, p. 116)

O corpo e a alma podem estar relacionados ao seguinte trecho: “Sol e Lua gravitavam no firmamento.” (Telles, 2014, p.82) Temos aqui o ápice do ato erótico, mas também o amor pela alma através do corpo desejado. Morgana e seu amante, na representação do Sol e da Lua, gravitam no firmamento. Esse gravitar pode corresponder à transposição do corporal ao espiritual, ao tocarem seus corpos, tocam também suas almas, essa sensação os leva a flutuar.

Paz afirma que “o amor é composto de contrários que não podem se separar. É como se fossem os planetas do estranho sistema solar das paixões, giram em torno de um único sol que é duplo: o casal” (Paz, 1994, p. 117). Assim como Paz explica o amor através do sistema solar, Telles também explica o amor e conseqüentemente o erotismo através do Sol e da Lua.

### Considerações

A análise de “A sétima lua cheia”, de Tenório Telles, teve como objetivo identificar como os temas do amor e do erotismo estão presentes na obra. Para isso, foi usado como texto norteador o ensaio *A dupla chama: Amor e erotismo*, de Octavio Paz. É possível perceber que o amor e o erotismo estão fortemente presentes na narrativa. Tenório Telles apresenta ao leitor as

preferências sexuais de Morgana e seu amante. O conto respinga amor e erotismo e eles estão intimamente ligados entre si.

As fantasias de Morgana atreladas a suas crenças nas forças do além, dos astros, na numerologia parecem contribuir para intensificar ou atizar o ato erótico que é apresentado com uma força, uma intensidade e um desejo aguçado, sentidos por ambos. Isso fica evidente quando o amante concorda com Morgana no final do conto.

Pode-se perceber a diferença no erotismo masculino e feminino. Morgana planejou o primeiro encontro sexual do casal, ou seja, há uma idealização do momento esperado por ela. Já seu amante, mostra-se impaciente e cheio de vontade de realizar o ato sexual, não se importando como e onde seria. Temos, então, uma diferença no que diz respeito às preferências sexuais entre homens e mulheres, na maioria das vezes.

Encontram-se no conto os cinco elementos constitutivos da nossa imagem do amor: exclusividade; obstáculo e a transgressão; domínio e submissão, fatalidade e liberdade; corpo e alma. A história de amor de Morgana e seu amante possui escolha, reciprocidade, atração, superação, aceitação e amor pela pessoa, ou seja, eles amam o corpo e alma um do outro.

### Referências bibliográficas

CANI, Josiane Brunetti; SANDRINI, Elizabete Gerlânia Caron; FAGUNDES, Teresinha de Jesus Cani. (2020) “Entre interditos e transgressões: O Erotismo no conto ‘A Virgem dos Espinhos’”, de João Gilberto Noll. Revista Ifes Ciência, v. 6, n. 4, p. 166-176.

O’ CONNEL, Mark. (2016). “Almanaque Ilustrado símbolos: origens, significados, utilização e revelações: os códigos secretos dos mistérios, magia e sabedoria de todos os tempos”. 4. ed. São Paulo: Editora Escala.

PAZ, Octavio. (1994). “A dupla chama: amor e erotismo”. São Paulo: Siciliano.

TELLES, Tenório. (2014). “Edifício Marquês de Sade”. Tenório Telles; Roberto Faba; Daniel Vas (Orgs.). Manaus: Editora Valer.